

FRANCISCO DUARTE MANGAS “A poesia pode salvar”

Entrevista sobre o seu novo livro e a crítica de António Carlos Cortez PÁGINAS 14 E 15



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JT

LOURDES DE CASTRO

Regresso à sombra

Textos de Raquel Henriques da Silva
e Guilherme d'Oliveira Martins PÁGINAS 20 A 22

ANSELMO BORGES

O Mundo e a Igreja: que futuro?

Análise de Teresa Toldy PÁGINAS 27 E 28

LUIÍS DE CAMÕES *Os Lusíadas,* *‘vivos’ aos* *450 anos*

Quando se começa a assinalar a efeméride, textos de José Carlos Seabra Pereira, Nuno Júdice e – no II/E, sobre o Poema nas escolas – Rita Marnoto, José Augusto Cardoso Bernardes e Daniela Pinheiro.

Testemunhos de Isabel Rio Novo,
João de Melo e António Fonseca

PÁGINAS 6 A 13



JOÃO BARRENTO, Prémio Vida Literária Entrevista * **ELZA SOARES, INTEIRA**
por Valter Hugo Mãe * **II/EDUCAÇÃO** João Costa, balanço de seis anos de Governo *
DESTACÁVEL CAMÕES A Temporada Portugal-França 2022 * **AGENDA CULTURAL**



João Costa
Um balanço de seis anos de Governo p. 4

Práticas educativas
Fabíola Cardoso, Fernando Elias e Teresa Moreira
escrevem, nas Inquietações Pedagógicas, sobre o que se faz e o que há a fazer

p. 6 e 7

Paulo Guinote
História como Cidadania p. 8

Juliana Educação

N.º 1339 • Ano XXI • 26 de Janeiro a 8 de Fevereiro de 2022 • Diretor José Carlos de Vasconcelos

A leitura de *Os Lusíadas* Anacronismo e atualização

Foram publicados em 1572, há 450 anos, *Os Lusíadas* – e daí o Tema que lhe dedicamos, dividido pelo corpo do jornal, pp. 6 a 12, e por este destacável. Aqui, como é natural, o que tem a ver com a sua *presença*, o seu ensino, nas escolas. Sobre o que escrevem dois outros destacados canonistas e profs. da Universidade de Coimbra, nossos colaboradores – Rita Marnoto (RM) e José Augusto Cardoso Bernardes (JACB), bem assim Daniela Pinheiro, prof. do ensino básico e secundária, autora de manuais escolares e da página do Instagram “Proibido Não Ler”. Recorde-se que RM é coordenadora da comissão para as comemorações nacionais dos 500 anos de Camões, em 2024, e JACB foi o responsável pela edição do volume de *Estudos sobre Camões*, de Eduardo Lourenço, nas suas *Obras Completas*, editadas pela Fundação Gulbenkian

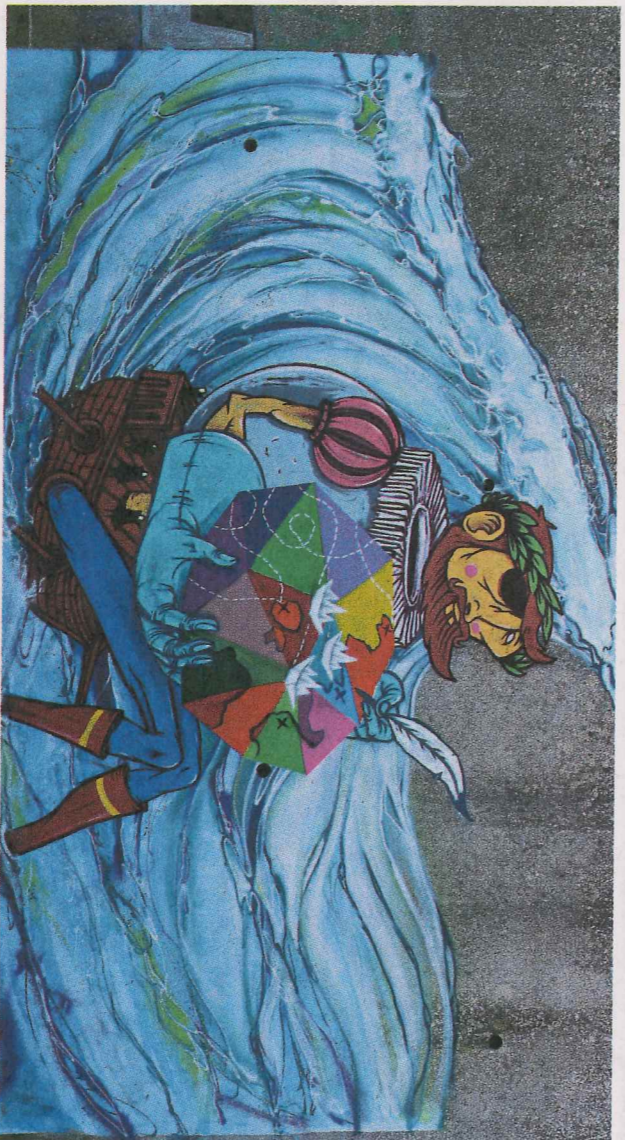
RITA MARNOTO

U

1. Um dos desafios mais prementes que um/a professor/a de Português tem de enfrentar, no seu quotidiano, é aquele corpo a corpo entre a sala de aula e a ortografia de textos literários dos séculos passados. Se assim acontece com qualquer texto de qualquer autor da literatura portuguesa que viveu em tempos mais distantes, quando o poeta em causa é Luís de Camões e o texto *Os Lusíadas*, a matéria em análise adquire uma escala engrandecida.

O valor simbólico do poema e o lugar que ocupa no quadro dos programas escolares são alguns dos fatores que, logo à partida, evidenciam a agudeza das questões colocadas pelo convívio com o seu texto. Nas escolas portuguesas, *Os Lusíadas* estão inscritos nos programas do 9.º ano, no 3.º Ciclo, e seguidamente do 10.º ano, no Ensino Secundário.

Celebram-se, em 2022, os 450 anos da primeira edição da obra, que saiu em Lisboa, na oficina de António Gonçalves, em 1572. Será possível apreender, em 2022, a totalidade da carga histórica inerente à configuração de um texto datado de 1572? E quais são as condições com que a escola de hoje pode contar para retroceder até esse reservatório do



Canto I Mural sobre *Os Lusíadas Especial Visão*, de Ram Gonçalves e Mara

tempo? Ou, diferentemente, há que dar tal hipótese por impraticável, em nome daquela vinculação ao presente de jovens, pais e professores? E então, como colmatar a fissura que se abre entre a presentificação do passado e a sua ausência?

Tanto um como outro destes cenários se encontram infetados pelo anacronismo. Por um lado, a hipótese de uma apreensão, no presente, da totalidade do passado, além de absolutamente quimérica, é anti-humanista. Só do presente em que estamos podemos interpretar o passado. Por outro lado, a obsessão pelo presente cria um outro tipo de anacronismo, o da erradicação de um passado cuja visão fica ofuscada pelas luzes do

São necessárias edições que atualizem o texto, firmando-se nas anteriores, e que, mesmo correndo o risco de o aplagnar, promovam decididamente a sua leitura

up-to-date, com todos os riscos de uma superficialidade redutora, numa errância entre edições casuais, fixações de texto sem critério ou aparatos que se reduzem à atualização de alguns elementos do plano lexical.

2. A configuração original de um texto literário do século XVI é portadora de uma fabulosa riqueza histórica. Graça de ditongos, vogais e consoantes duplas, pronúncia de predorsodontais e ápico-alveolares, particularidades morfo-sintáticas, palavras que hoje podem até estar fora de uso, mas que são dotadas de uma produtividade bem infiltrada no português que usamos – todas estas características são fontes ex-

traordinárias de conhecimento. Com o objetivo de recuperar a totalidade preterita do texto de Camões, para uma leitura de imersão no seu tempo, o/a professor/a podia então começar pelo campo da fonética. Considere-se, por exemplo, a pronúncia em hiato do indefinido *ta* ou *hã*. Teria de explicar o que é um hiato, a evolução a partir do latim *unus*, *una*, *unum*, e assim por diante. Também seria interessante debater a pronúncia de algumas sequências gráficas, como *ct* em *fructo*, *pt* em *scripto*, *gn* em *digno*, ou a pronúncia de *ch* em palavras como *chave* [xave], para a partir daí explorar variantes diatópicas e idioletais quinhentistas.

Avançando para o plano da morfo-sintaxe, um dos casos a explorar seria o do pronome de terceira pessoa indireto *lhe*, que em *Os Lusíadas* é utilizado quer para o singular, quer para o plural, como era de norma na época. O concílio dos deuses faz parte do programa do 9.º ano. Logo no início do episódio, quando as divindades se aprestitam a responder ao chamamento de Júpiter. Deixada dos sete Ceos o regimento/ Que do poder mais alto lhe foi dado (l. 21. 1-2). O pronome *lhe* refere-se aos deuses, e não a Júpiter ou a Mercúrio, que tinham acabado ser referidos. Sendo este pronome utilizado reiteradas vezes ao longo do texto do poema, para o plural, esta explicação afigura-se bastar.

No plano do léxico, as oportunidades de exploração multiplicam-se. Latínismos, revitalização de lexemas pouco usados ou de arcaísmos, criatividade idiomática, com os seus correlatos efeitos estético-literários, levariam por um amplo percurso, do

Edições escolares: as que existem e as que faltam

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

Os *Lusíadas* foram publicados, pela primeira vez, há 450 anos e, desde então, nunca mais deixaram de estar perto de nós. A avaliar pelo número e pela regularidade com que foram impressos, dir-se-ia que os portugueses nunca mais puderam passar sem esse livro especial, que atravessou os séculos, ajustando-se a todas a circunstâncias políticas e culturais. Haverá mesmo poucos casos que se lhe possam comparar no quadro europeu.

Algumas obras editadas pela mesma altura não voltaram a ver a luz do dia. Outras conheceram períodos de fortuna intermitente. Foi o que sucedeu com a *Compliação de Gil Vicente*, para citar outra grande obra da cultura de língua portuguesa. Depois de terem sido globalmente publicados por duas vezes no final do século XVI (1562 e 1586) os autos vicentinos só voltaram a conhecer uma edição conjunta em 1834 (dois séculos e meio depois). Com *Os Lusíadas* não foi assim. As edições sucederam-se ao longo dos séculos, sem interrupção. E não se tratou apenas de repetir o ato de 1572. Desde sempre houve a ideia de que a edição original (ainda que levada a cabo em vida do autor) estava longe de ser perfeita: do ponto de vista da fixação do texto,



Edições escolares de *Os Lusíadas* “O livro que mais nos configurou em termos de sensibilidade coletiva”

uma vez que havia muitos erros e insuficiências, mas, sobretudo, do ponto de vista material.

De facto, quem já viu um exemplar da 1ª edição retém uma ideia de modestia, quer pelo tamanho, quer pela qualidade do papel e do próprio esmero oficial. Por isso, sobretudo a partir do século XIX se fizeram o que podemos chamar “edições reparadoras”, em tudo diferentes da primeira: cuidadas, aparatosas, ilustradas. Tratava-se de consagrar a importância da obra em si mesma; mas, de alguma maneira, tratava-se também de compensar o próprio poeta, que, por falta de meios, não tinha podido publicar o seu livro com a merecida dignidade.

É também a partir do século XIX que surgem as edições escolares.

Sabemos que já no século XVI, pelo menos a famosa edição de 1584 (conhecida por “dos Piscos”) se destinava a uso pedagógico. Mas foi a partir de meados de oitocentos que se acentuou esse fluxo.

Afinal nunca houve programas de Português sem Camões e sobretudo sem *Os Lusíadas*. A presença de textos camonianos em antologias tornou-se obrigatória, desde logo. Mas isso ocorria em anos iniciais. Depois, tanto no Ensino Liceal como no Ensino Técnico, *Os Lusíadas* eram objeto de estudo panorâmico. Não se estranha assim que, desde a monarquia até quase aos nossos dias, tenham aparecido no mercado várias edições destinadas às escolas.

De todas as que vieram a público, nenhuma teve tanto sucesso como a preparada por Emanuel

Paulo Ramos, um madeirense que foi professor dos liceus e do Colégio Militar. Em 1952, o citado pedagogo trouxe a público um trabalho que, distinguindo-se pelo esmero gráfico e pelo rigor e amplitude da informação (incorporando, a cada reedição, as principais aquisições dos estudos camonianos que vinham tendo lugar na universidade), apresentava ainda a vantagem de ser acessível. O formato de bolso, quase reproduzindo o tamanho original, e as grandes tiragens colocavam o exemplar ao alcance da maioria das bolsas.

Durante muitas décadas, foi o livro de escolha dos professores e de gerações sucessivas de alunos. Era, para mais, uma edição integral: as estâncias de leitura recomendadas vinham assinaladas por uma cercadura azul e nas outras (aquelas mesmas, que descreviam os encontros sexuais na ilha dos amores) o azul era substituído pelo vermelho. Nada que impedisse a leitura. Antes pelo contrário, como muitos sabem, por experiência própria. De uma certa forma, os professores tinham então uma razoável margem de liberdade, ou seja, para além das estâncias mais famosas (Fermosíssima Maria, Inês de Castro, Velho do Restelo e Adamastor) podiam incluir os

os alunos compravam o volume e o guardavam, hoje isso constitui uma raridade. As estâncias do Programa vêm transcritas nos manuais (do 9º e do 10º anos), que contêm também anotações e questionários. Nestas circunstâncias, a pergunta colocava-se: para que comprar e guardar uma edição integral de *Os Lusíadas*? E, no entanto, o desaparecimento do livro das estantes das livrarias e das necessidades imediatas dos alunos origina perdas consideráveis. Pode perder-se, desde logo, a noção de que Camões escreveu (pelo menos) 8816 versos e não apenas aqueles que constam dos manuais. Perde-se, sobretudo, a proximidade física com um volume onde se podia escrever e que se podia guardar.



José Augusto Cardoso Bernardes

Era talvez oportuno preparar uma nova edição integral que correspondesse às necessidades escolares

Scabelcastro ao incansável, ao feroce ou ao pestem.

Seriam estas formas de promover a leitura de *Os Lusíadas*, através de uma aproximação entre o/a estudante e o seu texto? Seriam estas estratégias válidas para a alcançar e para a motivar? Na sala de aula, o/a professor/a tem diante de si jovens dos nossos dias. E como seria possível comunicar com eles/as, deste modo, no sentido de uma abordagem colaborativa? Os/as alunos/as do 3.º Ciclo encontram-se a adquirir formação que os/as capacite para a leitura, a compreensão e a fruição de textos literários; por sua vez, os/as alunos/as do Secundário estão a desenvolver uma consciência linguística e metalinguística que os/as sensibilize para a dimensão diacrónica da língua portuguesa.

Entre, por um lado, a consolidação do domínio das estruturas do português e um contacto preliminar com o funcionamento diacrónico da língua e, por outro lado, o intuito de recuperar em bloco a língua de *Os Lusíadas*, com a sua carga temporal plena, não existe continuidade. Por conseguinte, o anacronismo vai persistir, como salto brusco entre passado e presente que o quadro do atual sistema de ensino não tem condições para diminuir.

A compreensão linguístico-literária de um texto é condição básica para a sua interpretação e para a sua leitura. Ler é perceber e pensar, e como tal uma das práticas pedagógicas dotadas de mais alto valor formativo. No caso de *Os Lusíadas*, os fantasmas que se acumulam em torno das dificuldades do texto, bem como da já mítica divisão de orações requerem uma afação das estratégias em prol da sua leitura na escola.

A leitura tem vindo a ser justamente colocada no centro do processo educativo, através de várias medidas e de vários projetos governamentais, com relevo para o Plano Nacional de Leitura. Os índices de leitura e de frequência de bibliotecas têm vindo a aumentar, mas ainda muito há a fazer nesse campo.

O número de jovens que não são capazes de ler um texto sem esforço e de o compreender continua a ser mais elevado do que se desejaria. Por sua vez, as designadas aprendizagens essenciais nem sempre permitem que o/a professor/a se detenha sobre os textos com muita demora.

Os resultados desses planos de incentivo à leitura, tal como os de qualquer outro plano pedagógico, requerem perseverança e continuidade.

de de ação. Nesse âmbito, as clivagens entre um Camões lido no original e uma fase de formação e capacitação para a leitura ou de desenvolvimento de uma consciência metalinguística não contribuiriam, com certeza, para a motivação do/a estudante, e muito menos para a fruição do texto.

Para a ponderação da série de anacronismos que tem vindo a ser desenvolvida, há que sublinhar, desde logo, os fundamentais contrastes que habitam o próprio texto de *Os Lusíadas*.

O português usado por Camões, no seu poema, encontra-se muito próximo do do nosso tempo. Integra-se na fase do português clássico, que é dotado de estruturas estabilizadas, como bem o mostra o plano da sintaxe. O português clássico de *Os Lusíadas* apresenta porém um significativo número de variantes diacrónicas, relativamente aos dos nossos dias.

Apesar de tais diferenças, essa língua é a nossa, falantes contemporâneos, por motivos bem específicos. A fímeira expressiva e a perfeição literária do discurso camoniano são tais, que este logo se erigiu em modelo plasmado através dos séculos, até aos

Se a escola pretende oferecer aos/as seus/as estudantes uma formação que os/as prepare para desafios futuros, não pode deixar de fundar o apelo à leitura num diálogo aberto entre passado e presente



Rita Marnoto

Se a escola pretende oferecer aos/as seus/as estudantes uma formação que os/as prepare para desafios futuros, não pode deixar de fundar o apelo à leitura num diálogo aberto entre passado e presente

nossos dias. Quando um texto e um autor são eleitos como exemplo a seguir, isso equivale ao reconhecimento da sua inquestionável qualidade — e o português do poeta continua a ser, hoje, padrão daquela limpidez linguística na qual um processo de ensino e aprendizagem se revê. É esse o legado de Camões que mais firmemente poderá escoriar a ponte entre passado e presente, suscitado pela dialética da linha de continuidade que permite que a língua de *Os Lusíadas* se afirme como a nossa língua. Por conseguinte, a sua incorporação num horizonte e numa abordagem colaborativa não admite a errância ou a aceitação acrítica da deriva. Uma língua é um agregado de planos que não existem isoladamente — fonética, morfologia, sintaxe, léxico — e que por isso têm de ser coerentemente tratados na sua interdependência. Um texto dotado da grandiosidade e do capital simbólico de *Os Lusíadas* poderá ter um impacto intimidante não só sobre o/a estudante, mas também sobre o/a estudioso/a que se abalance a trazê-lo para os dias de hoje. E, contudo, as edições do poema que foram sendo preparadas, ao longo dos séculos, e que são

Haverá lugar para Os Lusíadas na sala de aula do século XXI?

DANIELA PINHEIRO

Em tempo de celebrações (as que assinalam os 450 anos de publicação do poema e aquelas que, já em 2024/25, hão de celebrar os 500 anos do nascimento do seu autor), era talvez oportuno preparar uma nova edição integral, que correspondesse às necessidades escolares e à curiosidade do público de língua portuguesa, em geral. Embora não possa considerar-se propriamente ultrapassada, a edição de Emanuel Paulo Ramos (e outras, como as que, em Portugal, foram entretanto preparadas por António José Saraiva, em 1978, e por Amélia Pinto Pais, em 1990) fizeram o seu caminho e prestaram um excelente serviço às causas da educação. Mas os públicos mudaram, em termos de atitude mental e de perfil sociológico.

Continua a ser necessário contextualizar o poema, descrever a sua estrutura, explicar palavras, figuras e situações. Mas existem hoje recursos diferentes para o fazer, desde logo no que diz respeito ao suporte (analógico e digital). E há também perguntas novas que os leitores curiosos podem querer colocar ao texto que saiu dos prelos de António Gonçalves há precisamente quatro séculos e meio.

A reatualização de um empreendimento deste tipo vai além de uma simples iniciativa comercial e requer uma ampla conjugação de saberes e apoios. Não faltam motivos para o levar por diante. O primeiro motivo de todos seria o de reaproximar os portugueses não de excertos de um livro mas de um livro inteiro. Afinal, na sua diferença em relação a todos os outros, foi talvez esse o livro que mais nos configurou em termos de sensibilidade coletiva. **■**

numerosíssimas, apresentam as mais diversas configurações, ligadas ao seu contexto epocal e a diversos usos linguísticos. Aliás, logo a primeira edição, de 1572, teve uma contraturação, na aparência muito semelhante à original, mas com ortografia diferente. Cada tempo e cada situação comunicativa revê-se na edição que os espelha.

Para explorar este caminho, requerem-se dois tipos de instrumentos. Por um lado, é requerido um tipo de edição que traga o texto original de *Os Lusíadas* para a contemporaneidade, fazendo-o acompanhar de um aparato especializado que aprofunde os vários planos das suas realizações linguísticas, bem como a diacronia de um sistema que foi evoluindo no tempo. Por outro lado, são necessárias edições que atualizem o texto, firmando-se nas anteriores e que, mesmo correndo o risco de o aplacar, promovam decididamente a sua leitura.

As línguas perpetuam-se porque se encontram em permanente evolução. E se a escola pretende oferecer aos/as seus/as estudantes uma formação que os/as prepare para desafios futuros, não pode deixar de fundar o apelo à leitura num diálogo aberto entre passado e presente. **■**



Chegada da frota a Melinde, por José Sobral Centeno

■ Acontece frequentemente com a literatura sermos influenciados pelos autores e pelo que escrevem, porque as palavras ficam a fazer eco, incitando-nos a uma tomada de consciência, a uma reflexão que nos impele a novas atitudes. Nunca somos inócuos e os mais jovens são verdadeiros radares humanos à procura de exemplos e aprendizagens. Assim, consciente do impacto e influência de ser professora, a minha responsabilidade individual é ainda maior.

O compromisso com a minha profissão é antes de mais acrescentar valor à aprendizagem, interpretando e convocando os mais jovens a um olhar mais consciente sobre as assimetrias do mundo.

Inspiro-me em Saramago que não separa “a condição do escritor da de cidadão” e, através da disciplina de português, procuro humanizar as aprendizagens.

A vida real está na escola. Assisto, como todos assistimos, a imagens brutais de seres humanos despojados de tudo, a começar pela sua dignidade. Leio, como todos lemos, as notícias sobre os extremistas e o seu radicalismo. Observo, como todos observamos, a degradação do meio ambiente. Acompanho, como todos acompanhamos, a constante ameaça de invasão territorial. Ouço, como todos ouvimos, as vozes opressoras e o silêncio das vítimas. Não estarão todos estes problemas representados na literatura?

A literatura serve, então, para olharmos para o passado, refletirmos sobre o presente e tomarmos as melhores decisões no futuro. A literatura serve, e os clássicos servem ainda mais, como bases de transferência.

É *Os Lusíadas*, de Luís de Camões? Haverá lugar para esta obra do século XVI na sala de aula do século XXI?

O título do texto dramático *Que farei com este livro?*, de José Saramago, é, simultaneamente, a pergunta e a resposta para a atualidade da epopeia, porque – e citando Luiz Francisco Rebello – “No limiar de um tempo novo, é uma nova existência que começa.”, transformando esta obra de arte “aberta”, conceito posto a circular por Umberto Eco, “num instrumento de pedagogia revolucionária”.

De facto, todas as gerações aprendem *Os Lusíadas*. Aliás, se a epopeia ainda conserva alguma má fama, deve-se à forma antiga como era ensinada, com a obrigaçãõ da divisão das estrofes em versos o que, a par das dificuldades de vocabulá-

rio, estrangava o prazer da sua leitura, como se se tratasse de um castigo, transformando a grande herança

de Camões numa obra difícil e sem sensaboria. Ou ainda, como sublinha Carlos Reis, o facto de, infelizmente, Camões ser apenas sinónimo de patriotismo, deixando de fora o poeta “como um génio a ler, reler e comentar”. Porque o ritmo, a força das palavras, o espírito de aventura e, pasme-se, a sua atualidade podem e têm, quando o código é decifrado, um efeito emocional muito forte em jovens de 14 e 15 anos. *Os Lusíadas* é obra obrigatória no 9.º ano e no 10.º ano. No 9.º ano, arrebatam-se as turmas com a grande aventura da viagem marítima. No 10.º ano, reflete-se sobre o mundo de Camões, que ainda é, infelizmente, o mundo atual.

Primeiro, independentemente do ano de escolaridade, na sala de aula, começa-se por admirar a genialidade de Luís de Camões.

Como não ficarmos extasiados com o seu talento? São muitas as referências feitas pelo poeta no seu longo poema: História de Portugal, História Universal, Geografia, Mitologia, Ciência, Ética, Autores clássicos, Autores modernos... – referências precisas e exatas que hoje validamos, porque temos internet, livros de estudo, bibliotecas, acesso a um infindável número de recursos...

que o poeta não tinha. O poeta tinha a sua memória, um conhecimento vastíssimo que o eleva ao estatuto de génio. E se a memória prodigiosa não for suficiente para que todos se rendam a Camões, então recordemos que o poema épico de exaltação dos feitos grandiosos e dos factos históricos portugueses é constituído por mil cento e duas estâncias em oitavas de versos decassilábicos! Não retiro valor aos escritores exímios na arte de contar histórias e narrar aventuras, mas fazê-lo em versos decassilábicos heróicos com rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada

nos dois últimos constitui por si mesmo um feito.

Desafio as alunas e os alunos, que continuam a olhar com descon-fiança para Camões, a cantar em verso o “peito ilustre lusitano”, mas desta vez a grande vitória da seleção nacional no Euro 2016. É uma vitória que resgata “as armas e os barões assinalados” que saíram da “Ocidental praia Lusitana” à procura da “filha merecida”, para a glória, para a imortalidade, sendo merecedores de serem recebidos na ilha de Vénus. Afinal, a tarefa revela-se árdua e as turmas percebem por que motivo Camões é o Príncipe dos Poetas.

É então através de uma linguagem jovial e atual que se descodifica o código do poema épico.

Fernando Santos, tal como Camões na epopeia, realçou a exceccionalidade do povo português. Como Vasco da Gama aos marinheiros, também o selecionador procurou cultivar pacientemente nos seus jogadores a confiança, a união, o espírito de sacrifício e resiliência de que são dotados os heróis. Claro que também tivemos sorte. Também no jogo a bola dos franceses bateu na trave, mas se, na ida à Índia, tivemos o apoio de Vénus, por que motivo, a deusa do amor nos abandonaria agora, à mercê de Baco, da comunicação social francesa que nos injuriava e inferiorizava?

Como no jogo, também na epopeia podámos ter ficado no embarque com o Velho do Restelo a lembrar com muita consciência e prudência a inutilidade desta demanda, em que “os heróis entraram nas naus com os olhos baixos”, conscientes do “tão longo caminho e duvidoso”. Também no jogo podámos ter desanimado com a lesão de Cristiano Ronaldo a pouco mais de 20 minutos. Mas não desistimos e o “Adamastor” foi ultrapassado. Como? Como o fizemos na viagem à Índia, com união e amor. A epopeia é indissociável do amor, o supremo poder huma-

no e divino para o poeta, e sobre o qual assenta a arquitetura da obra. É fundamental celebrar a viagem, mas sempre tendo presente o amor e os valores humanos, daí que este seja o maior poema épico do Renascimento em qualquer língua.

É precisamente pelos valores humanos que regressam no ensino secundário. E porque? Porque o mesmo escritor que nas palavras de José Tolentino de Mendonça “desconfinou Portugal no século XVI”, promovendo o que hoje designamos de globalização e elevando os portugueses ao estatuto de heróis do mar, também criticou a opressão, a ganância, a escravatura e a ignorância, características que nada têm de heroico. O mesmo autor para quem o amor é o sentimento mais importante apresenta na mesma obra um canto de crise e censura. Afinal, a viagem à Índia não era só o que o Poeta pretendia.

É o Poeta com P maíusculo, na sua faceta pessimista e consternada, que surge nos finais de cantos. As reflexões do Poeta constituem agora a que, mais maduros, conscientes e atentos, refletem com Camões sobre a faceta antipática e ainda atual dos portugueses.

E assim começa uma nova aventura com grande atualidade,



Desafio as alunas e os alunos, que continuem a olhar com descon-fiança para Camões, a cantar em verso o “peito ilustre lusitano”, mas desta vez a grande vitória da seleção nacional no Euro 2016